

ANTONIO CALLADO

Esqueleto na Lagoa Verde

*Ensaio sobre a vida e o sumiço
do coronel Fawcett*

Posfácios

Davi Arrigucci Jr.

Mauricio Stlycer

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Antonio Callado

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Indicação editorial

Matinas Suzuki Jr.

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Valquíria Della Pozza

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Callado, Antonio

Esqueleto na Lagoa Verde : ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett / Antonio Callado ; posfácios Davi Arrigucci Jr., Mauricio Stycer. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1661-4

1. Amazônia – Expedições exploradoras 2. Amazônia – Exploradores 3. Fawcett, Percy Harrison, 1867-1925 – Amazônia – Viagens 4. Fawcett, Percy Harrison, 1867-1925 1. Arrigucci Junior, Davi. II. Stycer, Mauricio. III. Título.

10-03084

CDD-910.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Aventureiros desaparecidos : Vida e obra 910.92

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Alguns dados básicos sobre Fawcett	9
O VITORIANO E O SONHO DO NOVO IMPÉRIO	
Aquém do Bem e do Mal	13
A expedição Dyott	18
Os ossos falsos	23
Cidades e homens que desaparecem	27
Da Taprobana ao Brasil Central	31
Os mistérios da América do Sul	36
A misteriosa cidade dos bandeirantes de 1753	42
O sonho do novo império	51
Uma família incomum	55
Fawcett e os espíritas	60
O MODERNO BANDEIRANTE E O SONHO DA NAÇÃO FUTURA	
Os ossos de George	65
Quando o índio fica “brabo”	73
Chantage na volta do cemitério	79

Incêndio em Xavantina	83
O sonho da nação futura	89
África interior	93
Amigo ou criação de Rider Haggard?	98
Retrato do artista como um índio jovem	101
Apêndice 1 — Relação histórica de 1753	104
Apêndice 2 — Diário de viagem	111
<i>Posfácios</i>	
O sumiço de Fawcett — Davi Arrigucci Jr.	127
Jornalismo na Lagoa Verde — Mauricio Stycer	135

Aquém do Bem e do Mal

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culene, da Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho monomotor, umas sete horas antes: como é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres estranhos, mongoloides, inteiramente nus, cerquem o avião?

Mas inocência pega. Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados em fingir que não reparamos na nudez dos índios. Passamos, ao contrário, a encará-la com naturalidade. E a vitória foi puramente da inocência deles, da candura e falta de malícia deles. De toda a nossa indumentária — das botas ao chapéu — os índios e as índias só prezam uma coisa: a camisa, que protege dos mosquitos. Tudo mais que usamos é, portanto, incompreensível para eles. Mas dizendo “incompreensível” dizemos mal. Por que haveriam eles de tentar compreender a razão de andarmos com tantos panos em cima da pele? Acaso perguntam ao porquê por que dá choques ou à onça por que tem pelo? O que não lhes ocorrerá jamais é que tenhamos motivos psicológicos para usar roupa,

ou que, por termos começado um dia a usar roupa, não a possamos mais abandonar por motivos psicológicos.

O índio (a menos que já tenha sido civilizado) não faz perguntas embaracosas pelo simples fato de não conhecer o embargo. É uma criança. Ainda vive aquém do Bem e do Mal.

Mas como se explica então que aqueles índios que nos maravilharam com sua castanha nudez e seu riso puro, ao chegarmos, sejam os mesmos que, através de cerrados e varjões, nos levaram à beira da lagoinha esverdinhada para nos apontar a cova de um homem que assassinaram? Como estão aquém do Bem e do Mal se mataram e esconderam o morto, como qualquer criminoso de novela policial? Haverá um erro de cronologia no *Gênesis*? O primeiro assassinio terá ocorrido antes da perda da inocência, antes da tentação da serpente? É no capítulo 3 que a gente encontra:

Viu, pois, a mulher que a árvore era boa para comer, e formosa aos olhos, e deleitável à vista: e tirou do fruto dela, e comeu e deu a seu marido, que também comeu.

No mesmo ponto se lhes abriram os olhos; e tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, e fizeram para si umas cintas.

Só no capítulo seguinte vamos encontrar o homicídio que é o ponto de partida da história da humanidade: “Caim porém disse a seu irmão Abel: Saímos fora. E quando ambos estavam no campo, investiu Caim com seu irmão Abel, e matou-o”.

É bem verdade que as índias calapalos, se não cosem folhas de figueira, trançam a fibra e recortam o broto do buriti para fazerem seu uluri. Mas o uluri é um “cache-sexo” simbólico. Tem um significado cultural, mas nada tem a ver com o pudor e nada oculta. Quanto aos índios calapalos, estes não cosem coisa nenhuma. E no entanto matam, matam fora da guerra, matam e quando se lhes

pergunta onde está o morto também dizem: “Não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão?”.

Durante meses a fio Orlando Villas Boas, o maior amigo branco que têm os calapalos, interrogou-os pacientemente acerca do explorador inglês desaparecido. Quando os calapalos desconvexasavam, aborrecidos, o sertanista falava noutra coisa. Um dia, quando todos fumavam no terreiro, Villas Boas aguilhou Cuiuli, um dos índios mais velhos dos calapalos.

— Aposto como você não sabe onde estão os ossos do coronel Fawcett.

— Sei! — foi a resposta.

— Se sabe me leve lá.

Os índios se entreolharam. Villas Boas, que já explorara a vaidade intelectual do que orgulhosamente dissera saber, explorou a vaidade física de todos os chefes.

— Dou aos chefes calapalos uma arara vermelha se me levarem aonde estão os ossos.

Os chefes se viram todos de penas encarnadas na orelha. De mais a mais, se confiam em algum caraíba confiam em Villas Boas, e este já se cansara de lhes dizer que os outros caraíbas não estavam mais “brabos” com a morte do “ingueresi”. Só queriam era saber como tinha ele morrido. Os índios o levaram então para uma lagoinha entre o rio Culuene e seu afluente Tanguru. Subiram um barranco e, entre o chão limoso e as árvores folhudas, o atual cacique dos calapalos, o índio Cumatsi, falou das 11h15 da manhã às 2h30 da tarde, contando como ali haviam sido assassinados três homens — aparentemente Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimmell. Depois disse ao sertanista:

— Cava.

Não foi preciso cavar mais de meio metro. Não era um túmulo. Era um apressado buraco, aberto sem dúvida havia muitos anos, e nele, sujos de terra e já meio enleados em raízes, uma ca-

veira e um montão de ossos. Comprovava-se, afinal, a morte do coronel Fawcett.

Isso tudo ocorria em abril de 1951. No entanto, quando lá estivemos nós em janeiro de 1952, convidados pelo sr. Assis Chateaubriand para integrar, pelo *Correio da Manhã*, a expedição formada pelos Diários Associados e cujo centro era Brian Fawcett, filho do explorador desaparecido, já então sabíamos que os ossos não eram do coronel Fawcett. Tanto o Royal Anthropological Institute, de 21 Bedford Square, em Londres, como os antropólogos do Museu Nacional de S. Cristóvão concordavam num ponto básico. Aqueles eram os restos mortais de um homem bem mais baixo do que o coronel Fawcett, que media 1,86 metro (seis pés e meia polegada). Segundo o Royal Anthropological Institute, os ossos examinados eram de um homem de 1,70 metro (cinco pés e sete polegadas), e, segundo o laudo do dr. Tarcísio Messias, do Museu Nacional, o cálculo feito pelo comprimento dos fêmures, cúbitos e rádios dá uma altura de 1,66 metro ou 1,68 metro. A dentadura sobressalente deixada por Fawcett na Inglaterra também não se ajustava à mandíbula da caveira. Mas bastava a prova da altura para pôr fora de combate o coronel Fawcett. Ora, segundo Brian Fawcett, seu irmão Jack era mais alto do que o pai, e Raleigh Rimmel, o mais baixo dos três, seria homem de 1,78 ou 1,80 metro (cinco pés e dez-onze polegadas).* Ademais, a pertencer a um dos três exploradores, os ossos deviam ser, efetivamente, do coronel Fawcett, pois as suturas do crânio, segundo o laudo do Museu Nacional, fazem supor que a ossada fosse de um homem maduro. Jack e Raleigh tinham ambos menos de 25 anos.

* Foi pena que Brian Fawcett não trouxesse consigo comprovantes das respectivas alturas dos três membros da expedição. Como ele era um tanto vago a respeito de Rimmell, pedimos a W. W. Copeland, que dirige a U. P. no Rio, que procurasse apurar em Londres qual era a estatura de Raleigh Rimmel. Copeland fez gentilmente a busca, mas não encontrou informantes.

Assim, fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial a falta de ortodoxia é insuportável: não conseguimos identificar o cadáver encontrado nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Achamos que a história valia a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios.

Vivendo aquém do Bem e do Mal, têm o ardil de ocultar durante anos um crime que cometoram à beira de uma lagoa (que é na realidade a ponta de um braço do Culuene) no seio da mata. Instados, aperreados sem cessar com o caso Fawcett, resolvem atribuir o esqueleto enterrado ao pé da lagoinha ao inglês... Não deixam de ter um certo senso de humor.